

4^o SE BRA MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA:
DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE
E PARA A
MUSEOLOGIA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
2019

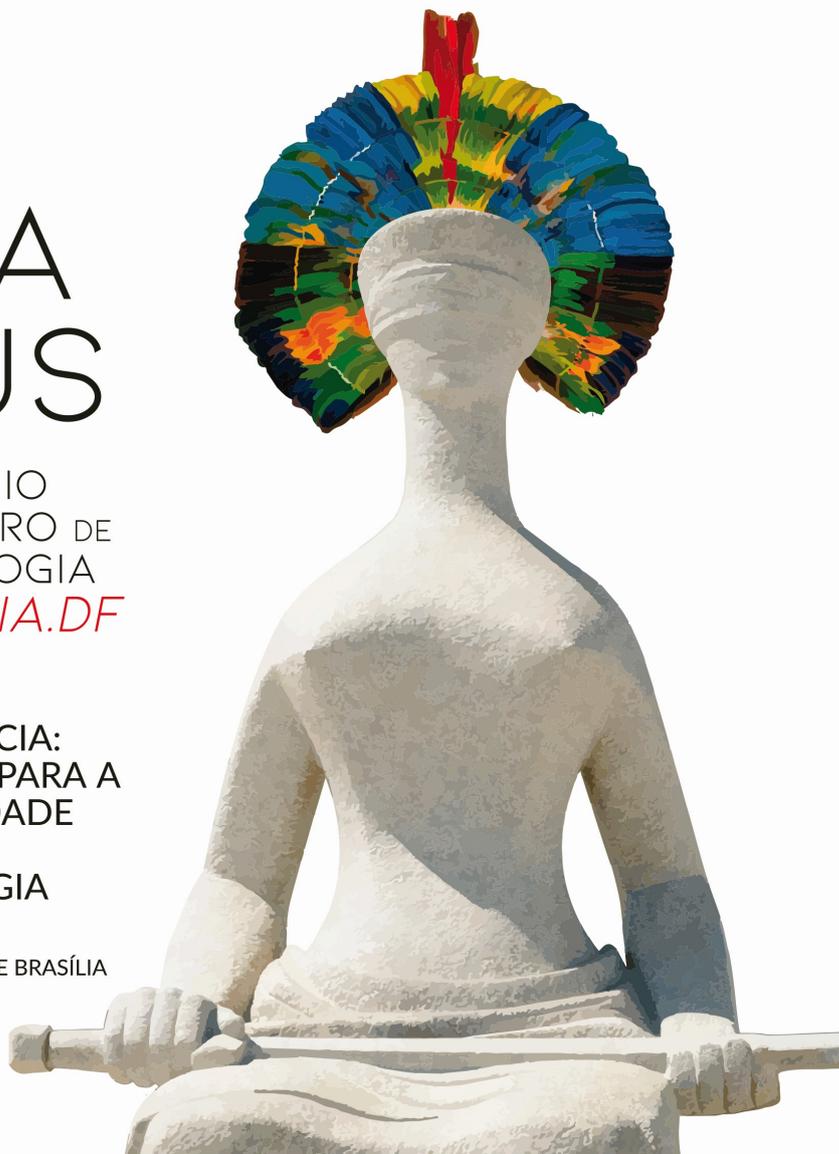


Ilustração inspirada em intervenção do artista visual Bené Fonteles, em escultura "A Justica" de Alfredo Ceschiatti, em 1996.

ORGANIZADORES

Ana Lúcia de Abreu Gomes, Andréa Fernandes Considera, Clóvis Carvalho Britto,
Joquebede Teles da Silva Oliveira, Monique B. Magaldi.

REALIZAÇÃO



Curso de
Museologia



Grupo de Pesquisa **Museologia,**
Patrimônio e Memória

Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação - PPGINF

APOIO



Faculdade de Economia, Administração,
Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

ORGANIZADORES

Ana Lúcia de Abreu Gomes, Andréa Fernandes Considera, Clóvis Carvalho Britto,
Joquebede Teles da Silva Oliveira, Monique B. Magaldi.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471 Seminário Brasileiro de Museologia (4. : 2019 : Brasília).
[Anais do] 4º SEBRAMUS : Seminário Brasileiro de
Museologia : democracia : desafios para a universidade e para a
museologia / Ana Lúcia de Abreu Gomes ... [et al.], organizadores.
- Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da
Informação, 2020.
1788 p.

Modo de acesso: World Wide Web:
<http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/4sebramus/4sebramus/schedConf/presentations>

ISSN 2446-8940.
ISBN 978-65-87555-00-3.

Museologia – Seminários. I. Gomes, Ana Lúcia de Abreu,
(org.). II. Título.

CDU 069(061.3)

4º SE
BRAMUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRÁCIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



UNB-CURSO DE MUSEOLOGIA | FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO- FCI

COMITÊ ORGANIZADOR

Profa. Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes [UnB]
 Profa. Dra. Andrea Considera [UnB]
 Profa. Anna Paula da Silva [UnB/UFBA]
 Prof. Dr. Bruno Melo de Araújo [UFPE]
 Profa. Dra. Carmen Lúcia Souza da Silva [UFPA]
 Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto - coord. [UnB]
 Profa. Ms. Deborah Silva Santos[UnB]
 Profa. Ms. Elizângela Carrijo [UnB]
 Prof. Dr. Emerson Dionisio Gomes de Oliveira [UnB]
 Profa. Ms. Fernanda Werneck Côrtes [UnB]
 Profa. Ms. Gleyce Kelly Heitor [UFG]
 Profa. Ms. Isabella Maria de Oliveira Almeida [UnB]
 Profa. Ms. Juliana Pereira Sales Caetano[UnB]
 Profa. Dra. Monique Magaldi - coord. [UnB]
 Profa. Dra. Maria Margaret Lopes [UnB]
 Profa. Ms. Marijara Souza Queiroz[UnB]
 Profa. Ms. Luciana Magalhães Portela [UnB]
 Profa. Dra. Verona Campos Segantini [UFMG]
 Profa. Ms. Silmara Küster de Paula Carvalho[UnB]

COMITÊ CIENTÍFICO

Dra. Alice Semedo - Universidade do Porto, Portugal
 Dr. Bernardo Javier Tobar Quitiaquez - Universidade de Cauca, Colômbia
 Dr. Bruno César Brulon Soares - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
 Dra. Cláudia Penha dos Santos - Museu de Astronomia e Ciências Afins, Brasil
 Dr. Clovis Carvalho Britto - Universidade de Brasília/Universidade Federal da Bahia, Brasil
 Dra. Elaine Reynoso Haynes - Universidade Nacional Autônoma do México, México
 Dra. Irina Podgorny - Universidade Nacional de La Plata, Argentina
 Dr. Jesus Pedro Lorente - Universidade de Zaragoza, Espanha
 Dra. Luisa Gertrudis Duran Rocca - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
 Dra. Maria Lúcia de Niemeyer Matheus Loureiro - Museu de Astronomia e Ciências Afins, Brasil
 Dra. Maria Margaret Lopes - Universidade de Brasília / Universidade de São Paulo, Brasil
 Dr. Miruna Achim - Universidade Autônoma Metropolitana, México
 Dr. Vagner Carneiro Porto - Universidade de São Paulo, Brasil

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



COORDENADORES DA REDE DE PROFESSORES E PESQUISADORES EM MUSEOLOGIA - REDE (2017 - 2019)

Prof. Dr. Bruno Melo de Araújo [UFPE]

Profa. Dra. Verona Campos Segantini [UFMG]

Profa. Ms. Gleyce Kelly Heitor [UFG]

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



ESTUDANTES VOLUNTÁRIOS

Ana Clara Borges Costa - UnB
 Arthur Marcos Soares Lacerda - UnB
 Athenea Gomez - UnB
 Ayana Mahara dos Santos Diniz - UnB
 Denize Pereira de Souza - UnB
 Diego Bryan de Jesus Braga - UnB
 Edward Louis Picquet III - UnB
 Érika Matheus Cunha - UnB
 Gustavo Igor Lopes de Jesus - UnB
 Isabella Frazão Jorge - UnB
 Isabella Wartha Almeida - UnB
 Isadora Godoy - UnB
 Joaquim Felipe Oliveira e Silva - UnB
 Joquebede Oliveira Teles da Silva - UnB
 Karla Cristiane Rodrigues dos Santos - UnB
 Karolina Abrantes - UnB
 Kátia Thailanny Macêdo da Silva - UnB
 Lorena Oliveira - UnB
 Lucelia Garcia - UnB
 Maria Cecília Costa de Sousa - UnB
 Maria Eduarda de Andrade Filhosi - UnB
 Maria Luiza Pereira de Oliveira - UnB
 Mariana Barbosa - UnB
 Matheus da Cruz Teixeira - UnB
 Mayara Rodrigues da Silva - UnB
 Pedro Henrique Anchieta Brito - UnB
 Rafaela Rocha dos Santos - UnB
 Ramoni Monteiro de Souza Silva - UnB
 Rebeca Pires Matias - UnB
 Regina de Almeida Fernandes - UnB
 Rodrigo Silva - UnB
 Rogelia C. T. Souza - UnB
 Sandra Suellen Silva de Oliveira - UnB
 Tamine Alana Oliveira Pinto - UnB
 Thatiane Silva Rodrigues - UnB
 Yara Janne Belo Costa - UnB
 Yasodara Talissa Lemos Brito - UnB

PROJETO DE IDENTIDADE VISUAL

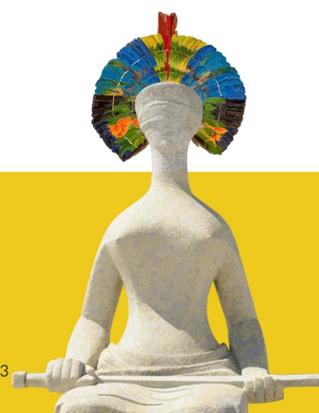
Maíra Zannon | Ilha Design

4^o SE
 BRA
 MUS

SEMINÁRIO
 BRASILEIRO DE
 MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
 UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
 ISBN 978-65-87555-00-3



SUMÁRIO

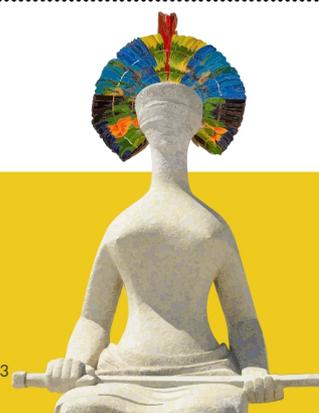
ORGANIZADORES.....	1
UNB-CURSO DE MUSEOLOGIA FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO- FCI	2
APRESENTAÇÃO.....	13
A IDENTIDADE VISUAL.....	17
SOBRE OS GTs.....	19
GT 1.....	19
EXPERIÊNCIAS DE CURADORIAS MUSEOLÓGICAS: DESAFIOS DE CONCEITUAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS.....	19
GT 2.....	20
ENSINO DE MUSEOLOGIA E AS PERSPECTIVAS DEMOCRÁTICAS E PARTICIPATIVAS.....	20
GT 3.....	21
MUSEUS E CULTURA POLÍTICA.....	21
GT 4.....	22
MUSEUS, GÊNERO E SEXUALIDADE	22
GT 5.....	24
MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIA EM ESPAÇOS EXPANDIDOS	24
GT 6.....	25
CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL.....	25
GT 7.....	26
ARQUITETURA DE MUSEUS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA SUA DEMOCRATIZAÇÃO	26
GT 8.....	27
MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS COMUNITÁRIOS ENTRE POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS.....	27
GT 9.....	28
MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS.....	28

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



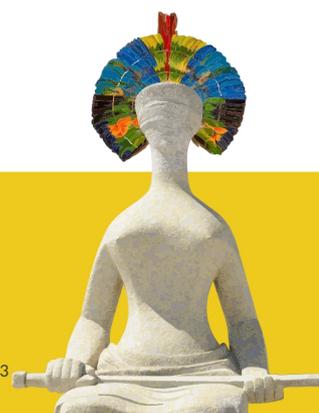
GT 10	29
PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES	29
GT 11	30
HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL.....	30
GT 12	31
PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM TEORIA MUSEOLÓGICA.....	31
GT 13.....	32
EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE TRÂNSITO: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS.....	32
GT 14	34
CORPOS FEMININOS NEGROS: REPRESENTAÇÃO NOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA.....	34
GT 15	35
MUSEOLOGIA E ARTE EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO.....	35
GT1 EXPERIÊNCIAS DE CURADORIAS MUSEOLÓGICAS: DESAFIOS DE CONCEITUAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS.....	36
A curadoria e o discurso expográfico no museu COPE em Vientiane, no Laos: relato de um visitante	37
Uma Coleção pelo Olhar da Museologia: a Importância Museologica da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA – Seção Arte.	53
Avaliação da Ficha Catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.....	79
Conservação do geopatrimônio paraense: moluscos fósseis resgatados de Primavera-PA ..	105
Museus universitários e práticas em curadoria: especificidades do Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia (MUAE- UFRGS).....	123
Entre Brennand e Cluny: a Idade Média em discursos museológicos.....	144
Os discursos expográficos sobre a história das Reduções Jesuíticas no Brasil e Argentina...	160
Status da Documentação e Conservação do Acervo da ordem Sirênia	181

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRÁCIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



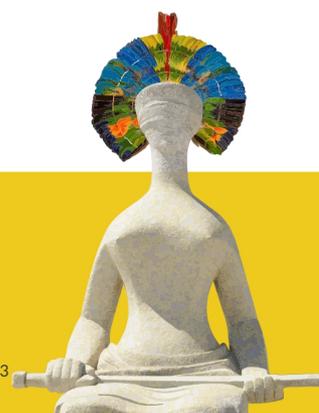
O Túnel do Tempo da Evolução da Vida.....	225
O Patrimônio de Ciência & Tecnologia (C&T) universitário: o caso da Universidade Federal de Lavras (UFLA).....	239
GT2 ENSINO DE MUSEOLOGIA E AS PERSPECTIVAS DEMOCRÁTICAS E PARTICIPATIVAS	247
Identificação do Panorama do Setor Museológico em Minas Gerais – cidade de Ouro Preto	248
Relato de experiência com discente, pessoa com di, tda-h e dislexia no curso de museologia na ufpa.	258
O Legado de Waldisa Rússio para a formação de museólogos engajados com as questões sociais de seu tempo	263
GT3 MUSEUS E CULTURA POLÍTICA.....	279
Ensaio sobre o futuro e a (des) montagem da Cidade.....	280
O Fórum Humboldt no período pós-Ouagadougou	298
Por Uma Política da Diferença.....	316
Mudanças e permanências nas políticas culturais a partir da Política Nacional De Museus..	332
A democratização das políticas culturais: um estudo de caso da fazenda colubandê	348
O Sítio Histórico de Olinda e as consequências de sua Patrimonialização para a População Local.....	364
A Criação do Instituto Brasileiro de Museus e do Programa Pontos de Memória: Uma análise sobre Discurso e Prática	383
Rede de Intelectuais na América Latina: Mário Pedrosa e o Museu da Solidariedade.....	403
A “Loucura” na Cidade: o Coletivo Desencuca como resistência dessa representação.....	418
GT4 MUSEUS, GÊNERO E SEXUALIDADE	434
Uma reflexão sobre a participação do Curso de Museologia na Exposição “Uma Cidade pelas Margens”	435
Análise de 1 Ano do Espaço Cultural Gênero e Diversidades – UFSC.....	446
Novas memórias traumáticas nas comunidades LGBT brasileiras: marcos na democracia tensionados pelo esquecer e o lembrar	461

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Reflexões acerca da inserção e presença de mulheres na Faculdade de Artes Visuais da UFPA	472
Os olhares de Wanda Hanke e Betty Meggers sobre populações indígenas do Brasil	491
A Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional: gênero, mulher e indumentária no museu	505
Gênero em Museus de Ciência: A representação da mulher no Museu de Ciência e Técnica da UFOP	517
GT5 MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIA EM ESPAÇOS EXPANDIDOS	539
Comunicação Museológica e Cibercultura: Projeto “Museologia na UFRGS” no Facebook ..	540
Cartografia de Espaços na Internet: Objetos Musealizados e Bens Culturais Procurados.....	560
Entre conceitos e experiências virtuais: Estudos sobre Museus Virtuais Brasileiros	570
Uso contemporâneo de TDIC’s para interação em museus: Estratégias conceituais de design de artefatos para fomento da mediação de conteúdo.	602
Sentidos do Som: do Espaço Urbano ao Museu.....	631
Museu Antonio Parreiras em versão digital: a busca por um <i>site</i> de arte acessível.....	648
Poéticas da Virtualidade: Documentação e Arquivamento de <i>net art</i>	672
GT6 CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL.....	690
A Restauração da Obra <i>April</i> de Soroku Wani do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – MALG	691
Ações de salvaguarda da cultura polonesa em Porto Alegre/RS: primeiras aproximações ...	707
Discos de vinil: fatores de degradação e ações de conservação	724
Diagnóstico de conservação para fins de digitalização em documentos do período entre 1788 e 1889	745
Análise da metodologia participativa na preservação do patrimônio cultural em Dores do Indaiá (MG)	762
Diagnóstico de conservação do acervo etnográfico da Casa de Cultura da América Latina (CAL)	772
Usar e preservar: apropriação e uso como agentes de preservação.....	783

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Parque Zoobotânico Do Museu Paraense Emílio Goeldi: Um Lugar Histórico E Especial Para Os Seus Frequentadores.....	795
GT7 ARQUITETURA DE MUSEUS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA SUA DEMOCRATIZAÇÃO	809
Estudo da Acessibilidade dos Memoriais de Aracaju.....	810
Princípios do desenho universal aplicados ao Museu Nacional do Conjunto Cultural da República.....	829
Projeto Arquitetônico: Fator determinante para a salvaguarda de coleções arqueológicas.....	839
Sinagoga Kehilat Israel e a manutenção da memória judaica no Bairro do Bom Retiro em São Paulo.....	854
GT8 MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS COMUNITÁRIOS ENTRE POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS.....	878
AutoRepresentação indígena: "um patrimônio para chamar de seu"	879
"Quem conta a minha história?" - Reflexões sobre um projeto em curso.....	893
O livro de autoria indígena como espaço expositivo: o caso da "Coleção Autoria Indígena".	913
Jurema-Catimbó: Estratégias de Salvaguarda da Memória Indígena e Resistência ao Colonialismo.....	930
GT9 MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS.....	947
Políticas Públicas para os Museus no Brasil: Reflexos e Anseios da Museologia Social	948
Museologia e turismo: um modelo de inclusão a partir da mediação acessibilizada	964
Representatividade feminina objetificada na arte: perspectivas do corpo erotizado no contexto museal de desenvolvimento artístico.....	977
O Hip Hop na cidade de Goiânia: Perspectivas Museológicas.....	986
Quando o museu acontece na cidade: a Museologia Social presente em práticas comunitárias do Distrito Federal	999
Narrativas do desastre: o caso do naufrágio do navio Haidar em Barcarena, Pará.....	1015
Raízes Ocultadas.....	1036

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRÁCIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



O Desafio da Museologia Social na Amazônia: A Experiência do Fórum de Museus de Base Comunitária.....	1052
Direito de memória e dever de museus.....	1075
GT10.....	1092
PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES.....	1092
O Brasil de lá: memórias afrodiáspóricas na <i>Maison du Brésil</i> e na <i>Brazil House</i>	1093
Musealizando Pavulagens: ação preventiva no acervo do Instituto Arraial do Pavulagem	1108
Museu de Arte Sacra da Misericórdia de Porto Seguro: um santo negro na imaginária cristã da cidade.....	1118
Jacque, Lina e Emanuel: entre coleções de arte popular e a construção do discurso.	1131
Superando silêncios e revelando poesias: exposição “Quilombo do Rosário” do mBrac.....	1146
José Augusto Garcez: A Reinvenção do Folclore no Museu Sergipano de Arte e Tradição (1948).	1156
As Memórias -Museu dos Idosos Brasil - Performances nas Cantigas de Trabalho no Cenário Urbano.....	1174
GT11 HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL.....	1192
Museus da Comunidade Nikkei no Brasil.....	1193
Museu da Indústria: Um Projeto Utópico em um Estado Autoritário.....	1216
Bolsas de estudo do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional: mapeando pistas no Sul do Brasil.....	1228
Diretores, museus e fazeres museais no Brasil nas décadas de 1880 e 1890.....	1246
A coluna “Pesquisa” (Gazeta do Sul) na formação do acervo do Museu do Colégio Mauá .	1258
Museus e suas Perspectivas Desenvolvimentistas: Uma Análise da Criação do Museu de Arte de Belém.....	1276
Museus e o patrimônio histórico maçônico: trajetória da preservação no Brasil.....	1295
GT12 PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM TEORIA MUSEOLÓGICA.....	1310
Da disposição museo-lógica: notas para uma perspectiva contemporânea em teoria museológica.....	1311

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



A pesquisa e catalogação dos cômodos-objetos do Museu Casa de Rui Barbosa.....	1336
Musealização é Coisa de Índio: Reflexões Sobre Objetos e Sujeitos na Cadeia Museológica do Museu do Índio do Rio de Janeiro.	1358
Sobre Ciência, Campo e Disciplina: A Museologia Brasileira na contemporaneidade	1376
Musealização x Museificação: perspectivas, análises e articulações.	1392
GT13 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE TRÂNSITO: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS.....	1398
Comunicação museológica: estudos realizados a partir da experiência na Casa da Tia Neiva do Vale do Amanhecer	1399
Comunicação Museológica: estudo de Possibilidades de Aplicação do Marketing Cultural em Museus.....	1425
Escape Room no MCTer (RJ): unindo a educação intercultural à educação em museus.....	1444
Comunicação museológica do acervo do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência	1460
Construindo Novas Relações Entre o Museu e a Comunidade com Base nos Princípios da Educação Popular.	1485
Montalvão e a Loucura.....	1502
Estudos sobre Museologia Virtual e Cibermuseologia: Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) ou Tecnologias Sociais (TS's) na gerência das informações dos museus?	1510
Estratégias acessíveis de comunicação em exposições: O caso do Museu de Porto Alegre	1530
Uma ciência pelas crianças e a imersão na oficina MediAntar	1549
GT 14 CORPOS FEMININOS NEGROS: REPRESENTAÇÃO NOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA	1565
Mãos que cosem a memória: As rendeiras de Saubara-BA e o protagonismo de mulheres negras no patrimônio cultural.....	1566
GT 15 MUSEOLOGIA E ART EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO.....	1583
A museália e as suas dimensões: simbólica e econômica	1584

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRÁCIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



A pesquisa museológica e a arte contemporânea: documentação, arquivamento e (re)exibição de obras	1598
Instalações Museais: expografia com toques de Arte Bruta, Museologia Afetiva-Social e Rizoma.....	1615
Processos museológicos no cinema: um método para o cinema de arquivo	1638
Apontamentos Sobre a Formação de Coleções Públicas de Arte Contemporânea em Belém-PA.....	1650
Coleção Amazoniana de Arte: O entrelace entre Arte, Moda e Museologia	1694
Intercâmbios Museológicos e Artísticos: Análise do Manual de Vernizes de João Stooter	1711
A 3ª Bienal da Bahia: espaço museal e acionamento de identidades.....	1722
Acervo Artístico UFMG: o inventário como meio de preservação e subsídio à pesquisa.....	1734

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



APRESENTAÇÃO

“Continuam, os profissionais de museus, falando apenas de si mesmos e para si mesmos? Que reconhecimento têm eles da sociedade? No universo de trabalhadores, como nos situamos e agimos?”. Com esses questionamentos, a museóloga Waldisa Rússio problematizou, em 1989, a função dos museus e a ação política de seus agentes em um período em que grande parte das práticas museológicas e de ensino da Museologia se sustentava em discursos conservadores e, por vezes, antidemocráticos. Exatamente trinta anos depois, essas perguntas ainda continuam apropriadas para traduzir o lugar dos museus e do ensino dos processos museológicos em um mundo marcado pela polarização de posicionamentos políticos, por intolerâncias diversas e pela crescente precarização dos direitos sociais. Observa-se que alguns dos aspectos supostamente consolidados da jovem democracia brasileira e latino-americana novamente estão sob ameaça.

Na década de 1970, quando os países latino-americanos estavam sob a égide dos regimes ditatoriais, o campo da Museologia, impactado pela crítica dos movimentos sociais, movimentos de contracultura e por diferentes discursos de descolonização, apresentou como resposta as reflexões da Mesa Redonda de Santiago sobre o papel social dos museus. Uma das propostas contemplava a criação de uma Associação Latino-Americana de Museologia visando a articulação de diferentes iniciativas que evidenciavam a integralidade do patrimônio e a potência política de múltiplas experiências museológicas.

No contexto brasileiro, o campo dos museus e da Museologia evidenciou profundas transformações a partir do processo de redemocratização, especialmente em virtude dos impactos das discussões sobre a diversidade cultural, o poder da memória e os direitos e as



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

liberdades fundamentais inscritos na Constituição Federal de 1988. Temáticas como o reconhecimento dos saberes das populações tradicionais; o tombamento de bens até então não-consagrados e o registro do patrimônio imaterial; e os debates sobre novos direitos sociais e políticos; contribuíram para a ampliação dos estudos das interseccionalidades de gênero, classe, raça e sexualidade. A partir dessas transformações pautadas no exercício da diferença, houve um movimento coletivo e de alcance internacional impactando a discussão sobre processos museais populares e comunitários.

Em sequência, tentou-se delinear os contornos epistêmicos dessas experiências que contribuíram para que o Brasil se tornasse um dos principais laboratórios de articulação entre museus e movimentos sociais, fator que propiciou itinerários significativos que resultaram, por exemplo, na instituição da Política Nacional de Museus, na criação de cursos de Museologia nas cinco regiões do país e na eclosão de diferentes pontos e redes de memória e Museologia Social.

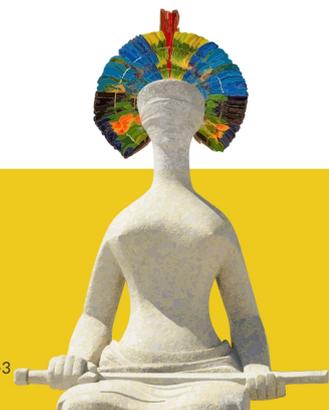
Se por um lado essas experiências impactaram o ensino e a pesquisa contemporânea, em outra perspectiva também são profundamente impactadas por uma nova dinâmica de governabilidade, de reformas políticas e de transformações na agenda das políticas culturais em âmbito nacional e internacional. Entre deslocamentos simbólicos e fluxos migratórios, evidencia-se uma crise na democracia representativa com fortes consequências na política da memória, caracterizada por fenômenos transnacionais de opressão, pelo crescimento de grupos ultraconservadores e pelo silenciamento dos espaços de expressão da diferença.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

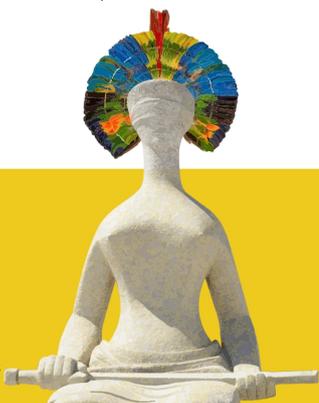
ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Especificamente no âmbito dos museus surgem debates em torno da repatriação de coleções, de questões éticas sobre os “objetos sensíveis” museografados, das políticas de musealização do efêmero, da cibermuseologia; da representação de minorias nem sempre numéricas e das múltiplas formas de censura nos espaços de memória. Em meio a essas tensões, nas últimas décadas surgiram estratégias de enfrentamento realizadas no campo epistêmico da Museologia nas interfaces com as temáticas dos direitos humanos, o ensino e a ética profissional. Essas experiências evidenciam alternativas de resistência e de reafirmação dos valores democráticos, tornando-se exemplares na reconfiguração de memórias silenciadas e de subjetividades reprimidas.

Esse contexto evidencia um momento fecundo para a problematização do presente e do futuro da democracia. A própria história dos museus e do colecionismo, como fruto do empreendimento colonialista, reveste-se de temática oportuna para refletirmos sobre a geopolítica do conhecimento. Se atualmente existem retrocessos em relação às conquistas democráticas efetuadas nas últimas décadas, também existem resistências e utopias oriundas de diversas práticas culturais. Sem dúvida, surgem desafios para a Universidade, para a Museologia e para os museus: Quais os compromissos da Museologia na atual conjuntura política? Que alterações têm ocasionado na ação do museólogo? Em que medida as transformações na esfera pública evidenciam perspectivas de compreensão de nosso objeto do conhecimento? Quais as novas demandas por musealização, acessibilidade, educação museal e representatividade? Em que medida os professores e pesquisadores do campo da Museologia têm contribuído ou desestimulado estratégias de integração, reflexões sobre a pluralidade da representação e os debates sobre a ampliação/restrrição dos espaços democráticos?

Algumas das respostas a esses desafios podem ser encontradas na própria história da Museologia, reconhecendo as estratégias de profissionais que, no passado, ousaram lutar em



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

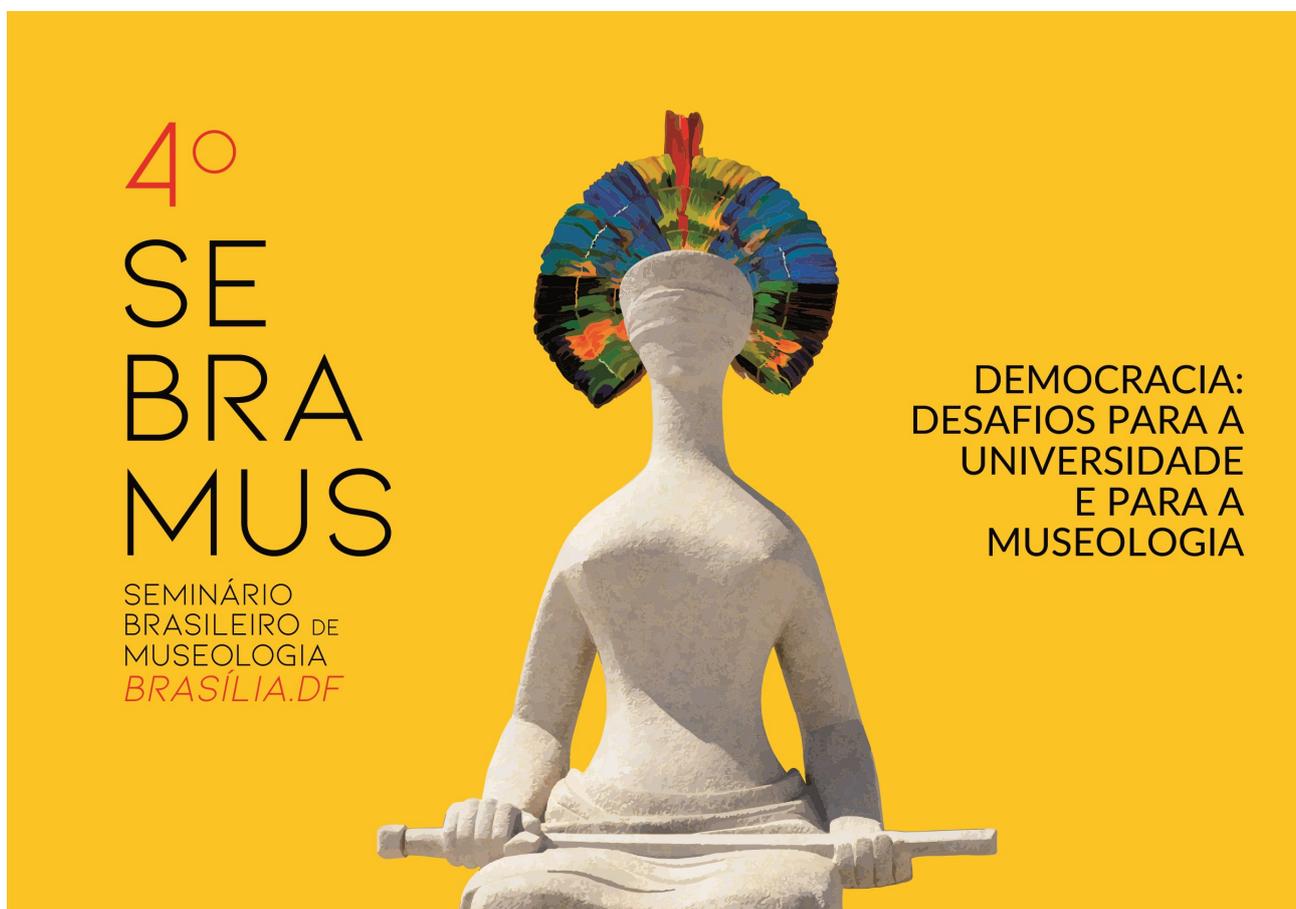
prol da democratização da política da memória e contra as diversas formas de preconceito. Outras reflexões surgirão dos diálogos promovidos no IV Seminário Brasileiro de Museologia, cuja temática consiste em oportuno convite para que professores, pesquisadores e grupos de interesse reflitam sobre os desafios da área em um contexto de profundas transformações sociais, políticas e epistêmicas.

Evidentemente a realização do seminário em Brasília se transforma em ato fortemente emblemático na medida em que, na capital do país, é onde se decidem questões fundamentais para o futuro da democracia e que, por sua vez, reverberam nos diálogos, nas tensões e nos sentidos atribuídos ao mundo dos museus. Não menos significativo é ser sediado na Universidade de Brasília, instituição que protagonizou alguns dos principais movimentos de resistência e de luta em defesa dos ideais democráticos no Brasil.

O IV Seminário Brasileiro de Museologia pretende se consolidar como um amplo espaço de debates no intuito de compreender em que medida a produção científica tem acompanhado as transformações das últimas décadas e os compromissos assumidos em defesa da democratização do conhecimento. Isso é importante no momento em que surgem iniciativas visando analisar as heranças e os paradigmas da produção do pensamento museológico e suas interfaces com as diversas áreas do saber. As reflexões do seminário pretendem evidenciar os compromissos éticos, os dilemas contemporâneos e as diferentes propostas teóricas e metodológicas que ganham força no campo da Museologia, reconhecendo os processos museológicos como espaços de poder que produzem modelos disciplinadores e práticas, poéticas e políticas libertárias.



A IDENTIDADE VISUAL



Em 1996, o artista visual Bené Fonteles realizou uma intervenção na escultura *A Justiça* de Alfredo Ceschiatti. Fonteles é um dos artistas contemporâneos mais importantes da história da arte brasileira, com forte presença e atuação em Brasília, onde vive. Dedicado às políticas de proteção da natureza (fundou em 1987, o Movimento Artistas pela Natureza), às cosmogonias e políticas indígenas, Fonteles colocou um cocar dos índios Karajá, de Tocantins, sobre a célebre



escultura de Ceschiatti, criada em 1961, para a Praça dos Três Poderes. Naquela ocasião, ao lado de representantes de diferentes povos indígenas, o artista leu o Manifesto de Revogação do Decreto 1775/1996, publicado pelo Ministério da Justiça, que alterou o processo administrativo de demarcação das terras indígenas. Luta capitaneada, naquele momento, por diferentes organizações e pelo “Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil” (CAPOIB). Numa coalização entre ato poético e ativismo, a intervenção tornou-se um efêmero momento de encontro entre a história de Brasília, sua configuração social e política, com a extensa luta de minorias oprimidas. “Dotando a Justiça branca da sabedoria ancestral indígena (...) Fonteles doa sentido à ação política, em uma camada específica de significação do ato da representação dos povos indígenas” (Pugliese, 2013, p.30). Tal gesto “mitopoético”, que surge como o encontro e o conflito entre culturas, serve-nos como inspiração para a identidade visual do IV SEBRAMUS. Inspiração que busca rememorar o longo processo de resistência e de reafirmação dos valores democráticos; de visibilizar as reconfigurações de memórias silenciadas e de subjetividades reprimidas.

Referência: PUGLIESE, V. Os Sudários de Bené Fonteles, o *Chemin de la Croix* de Henri Matisse e as *Stations of the Cross* de Barnett Newman: pathos e anacronismo na historiografia da arte. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arte. Universidade de Brasília, 2013.



Projeto Arquitetônico: Fator determinante para a salvaguarda de coleções arqueológicas

Luciana Messeder Ballardo (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Universidade Federal da Bahia)

Elizabete de Castro Mendonça (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

Palavras-chave: Projeto arquitetônico. Salvaguarda. Coleções arqueológicas.

RESUMO

Esta investigação visa refletir de que maneiras o projeto arquitetônico pode auxiliar no processo de gestão das coleções, incorporado à preservação do patrimônio, com o objetivo de indicar quais elementos devem ser analisados na proposição de espaços para abrigá-las. Para tanto, utiliza a abordagem indutiva enfocada na análise de proposta administrativa (entre final de 2015 e início de 2016) de realocação espacial do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA-UFSM).

Keywords: Architectural project. Preservation. Archaeological collections.

ABSTRACT

This research aims to show in which ways a architectural project would help the collections management process, incorporated to the heritage preservation, aiming to indicate which elements should be analyzed in the proposition of spaces to house them.

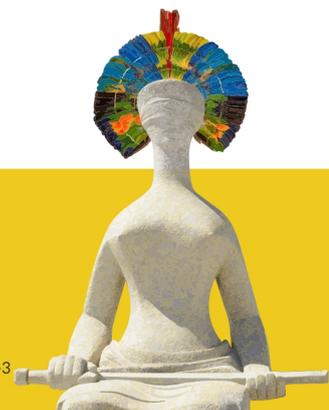
Therefore, it makes use of the intuitive approach focusing the administrative proposal analysis (between late 2015 and early 2016) of spatial reallocation of the Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA-UFSM).

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRÁCIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é parte da investigação *Gestão de coleções arqueológicas: dos métodos de campo à documentação museológica*, desenvolvida no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e do Museu de Astronomia e Ciências Afins (PPGMUS-UNIRIO/MAST) sob orientação da professora Elizabete Mendonça.

O propósito deste trabalho é apontar as características a serem consideradas quando são apresentadas propostas de espaços para serem utilizados na salvaguarda de coleções arqueológicas, buscando refletir sobre como o projeto arquitetônico pode colaborar no gerenciamento delas, abarcando a documentação e a conservação como operações relacionadas a salvaguarda e integradas à preservação do patrimônio.

A relevância desta pesquisa, fundamentada na análise de espaços propostos para abrigar as coleções e associada às atividades integradas à gestão museológica, está relacionada ao trabalho de preservação do patrimônio arqueológico. O método de abordagem eleito foi o dedutivo, baseado na observação de elementos arquitetônicos que devem estar presentes nas estruturas utilizadas para salvaguarda de coleções e direcionado para os impactos na gestão do patrimônio arqueológico, associado ao método de procedimento monocrático. Em vista disso, o texto versa sobre a proposta de redistribuição espacial do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA-UFSM), no Rio Grande do Sul, apresentada pela instância administrativa entre o fim de 2015 e o princípio de 2016.

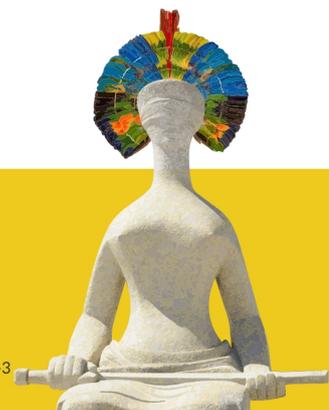
Como resultado prévio, pressupõe-se que a utilização de métodos passivos, mais especificamente direcionados para o emprego de recursos construtivos em função dos fatores ambientais, assim como de uma organização do espaço que respeite fatores relacionados à

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



segurança, ao acondicionamento e ao controle do acervo, favorecem a preservação do patrimônio arqueológico.

Dessa maneira, constata-se que há a necessidade de uma colaboração mais estreita entre os profissionais da Arquitetura e da Museologia – principalmente quando a concepção de mudanças que provocam impacto na salvaguarda e gestão de coleções é conduzida priorizando a conveniência da esfera administrativa – em que se promova a associação dos conhecimentos teórico e metodológico.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (LEPA-UFSM): ESPAÇO DE SALVAGUARDA PARA COLEÇÕES

O Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria foi criado em 1982 pelo professor Vitor Hugo da Silva, ligado ao departamento de História da UFSM. O departamento foi transferido para a cidade universitária no bairro do Camobi, mas a área para o LEPA não foi prevista na época da mudança e, por isso, em 2000 o então coordenador, Saul Milder, viu a oportunidade de utilizar o lugar onde funcionava anteriormente a cooperativa dos funcionários da universidade, área anexa à garagem do prédio da antiga reitoria da universidade, no centro da cidade (DIAS, 2016).

Responsável por mais de 200.000 peças, incorporadas principalmente por pesquisas acadêmicas realizadas em projetos sob responsabilidade da coordenação do Laboratório ou orientações de investigações realizadas na graduação em História e em programas de pós-graduação da UFSM (Mestrado em Integração Latino-Americana, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Programa de Pós-Graduação em História), o LEPA possui uma área de 67 m² composta por sala de higienização, reserva técnica, sala administrativa e sala de pesquisa,



4^o SE
BRA
MUS

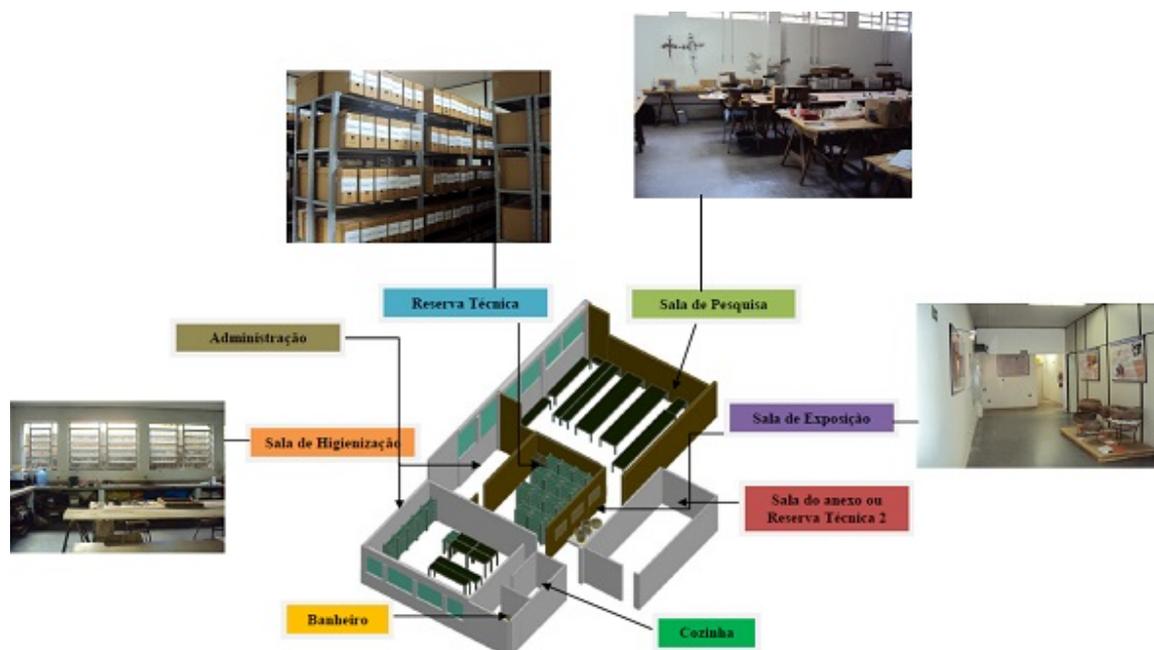
SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

além de cozinha e banheiro. Na figura 1 é possível visualizar a distribuição espacial e as imagens captadas na época (BALLARDO, 2013).

Figura 1: Ilustração em 3D dos espaços do LEPA/UFSM



Fonte: Imagem modificada de Ballardó (2013).

As áreas estavam bem definidas e arranjadas pensando na segurança das coleções e no acesso a elas, assim como na segurança dos usuários e pesquisadores. Coordenadores e equipes de outros laboratórios do Rio Grande do Sul, ao visitarem a estrutura do LEPA/UFSM, surpreendiam-se com a ampla área disponibilizada para o acondicionamento, o tratamento e a pesquisa do material arqueológico.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



No entanto, o espaço sofria com a alta umidade e a invasão da água da chuva por meio do telhado, o que dificultava a manutenção da conservação das coleções. Em virtude desses problemas, o teto e as paredes tinham manchas derivadas da umidade, e soltavam-se pedaços do reboco das paredes e parte da pintura. A falta de manutenção da estrutura colaborava com essa situação.

A PROPOSTA DE UM NOVO ESPAÇO PARA O LEPA-UFSM

As questões que iniciaram o movimento de transferência para outro local, no primeiro semestre de 2016, foram:

a) problemas degenerativos nas estruturas provenientes da passagem do tempo, de fatores climáticos e da falta de manutenção que ocasionaram infiltrações nas paredes e no teto em todas as salas, o que levava à inundação das salas no período de chuvas. Isso dificultava a conservação do acervo e o trabalho de pesquisa, e impossibilitava a documentação das coleções em processamento durante o período, em virtude da necessidade de proteger as mesas de pesquisa e do processamento das peças com mantas plásticas.

b) a vistoria³³⁷ feita pelo Ministério Público Federal em dezembro de 2015, a qual solicitou melhorias ou a transferência do espaço para salvaguarda do material arqueológico;

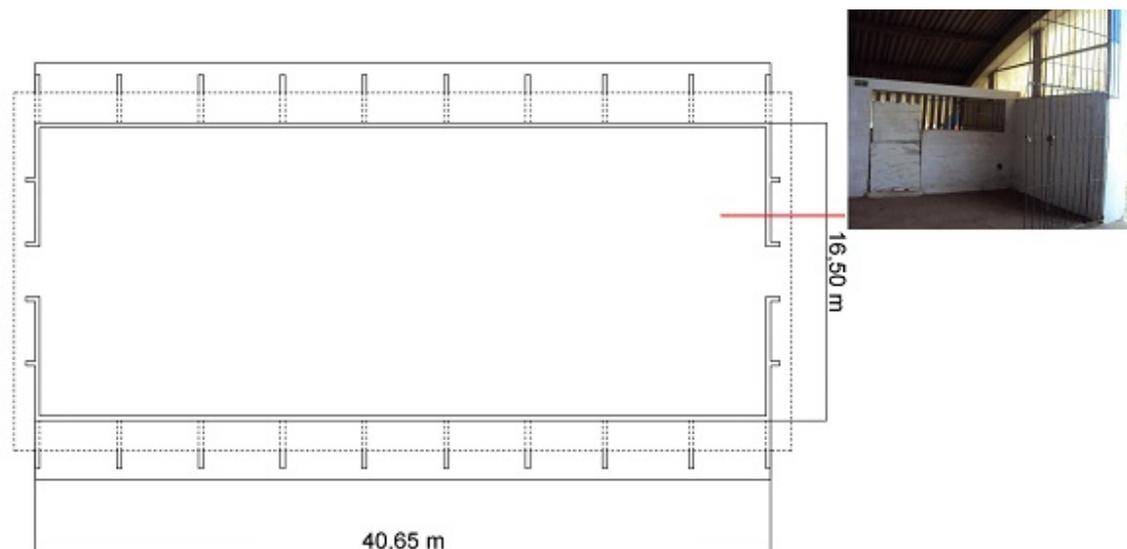
c) a transferência do laboratório para a cidade universitária proporcionaria uma maior aproximação do espaço ao órgão ao qual pertence, o Departamento de História, e conseqüentemente facilitaria o acesso de estudantes e demais pesquisadores.

³³⁷ BRASIL. Ministério Público Federal. *Parecer Técnico 273/2015-4aCCR*. Brasília: MPF, 2015. Parte 1. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr4/dados-da-atuacao/projetos/mpf-arq/notas-tecnicas/PT27315RTUFSMRS1.pdf> e <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr4/dados-da-atuacao/projetos/mpf-arq/notas-tecnicas/PT27315RTUFSMRS2.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.



Assim, propôs-se a transferência do LEPA-UFSM do espaço anexo à garagem do prédio da antiga reitoria da universidade, na rua Floriano Peixoto, centro da cidade, para o Pavilhão de Equinos, no Centro de Eventos localizado no *campus* da Universidade Federal de Santa Maria, no bairro Camobi, local visualizado na figura 2.

Figura 2: Vista área da área do Pavilhão dos Equinos no Centro de Eventos da UFSM



Fonte: Imagem modificada a partir de foto área do Google Maps³³⁸.

A proposta está fundamentada na utilização de um prédio que existia anteriormente, criado e projetado para abrigar baias para cavalos durante feiras e eventos promovidos nesse local. A área tem aproximadamente 670 m² e está estruturada conforme a figura 3.

³³⁸ GOOGLE. Centro de Eventos da UFSM. *Google Maps*. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/search/Centro+de+Eventos+da+UFSM/@-29.7229387,-53.7132752,392m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: em 18.03.2016.

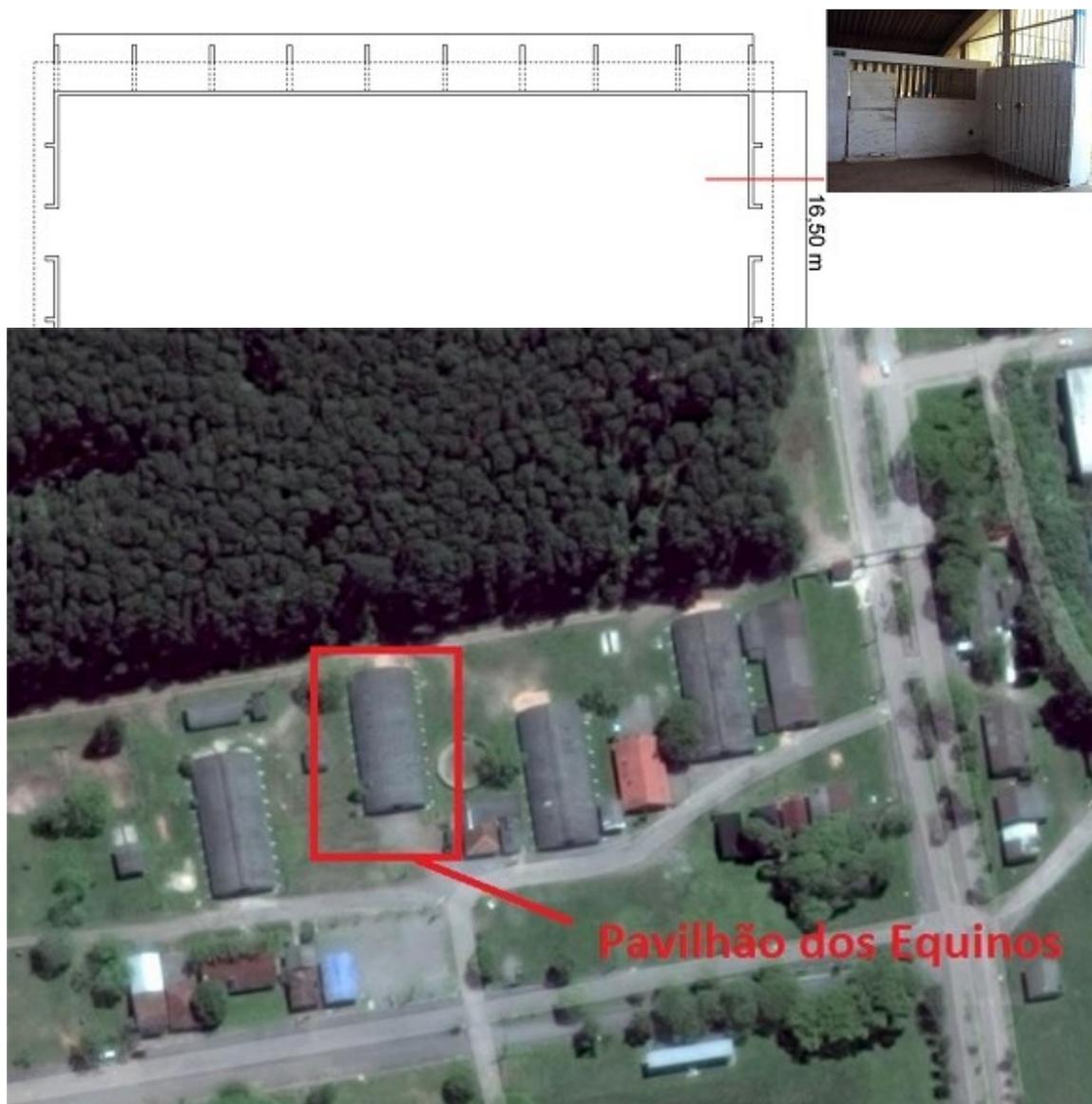


4º SEBRA MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Fonte: Elaborada por Luciana Messeder.

A área ofertada é dez vezes maior que a do anexo do prédio da antiga reitoria no centro da cidade, e espaço para coleções arqueológicas é sempre bem-vindo, pensando no montante de material que ingressa a partir de projetos de salvamento. Além disso, o fato de o prédio estar localizado dentro do *campus* da universidade facilita a afluência de maior número de discentes e



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

pesquisadores que desenvolvem atividades acadêmicas próximo a essa área, e possibilita um estreitamento entre o Departamento de História da UFSM e o LEPA.

O problema é que ao fundo da edificação, um bosque replantado de pinhos aumenta a umidade da área ao redor do prédio. Além disso, o acesso ao Galpão dos Equinos, como demonstra a imagem, não possui piso cimentado nem qualquer outro tipo de proteção para o trânsito de pessoas e material, e o solo areno-argiloso com vegetação propicia a ocorrência de alagamentos em dias de chuva, impossibilitando operações com o acervo ou com o público e pesquisadores no local.

Além disso, o espaço interno do galpão não possui isolamento entre as áreas. As paredes, como vimos na figura 3, são de altura suficiente apenas para separar um equídeo do outro. Na parte da frente da edificação, as paredes são completadas por estruturas de plásticos sanfonados. O telhado, sem forro, é coberto por telhas de fibrocimento, que potencializam dentro da estrutura a sensação do calor no verão, com temperaturas de até 42° C, e no inverno o frio é tanto que a temperatura atinge graus negativos.

Nos acessos, tanto na parte do fundo como na da frente, não há portas, apenas portões em grade de metal. Esse é mais um fator que dificulta o isolamento térmico, além de causar transtornos para a segurança do material e das pessoas que trabalham no Laboratório, principalmente no que concerne à entrada pela área da replantação de pinhos.

Para conter as dificuldades advindas da falta de verbas públicas para a manutenção de edifícios, principalmente os que são destinados à salvaguarda do patrimônio, apresenta-se como alternativa a redução do uso de equipamentos mecânicos para a manutenção climática dentro do prédio e a busca pela utilização de projeto arquitetônico mais adequado às condições climáticas e a outros fatores que interferem na salvaguarda e no gerenciamento do patrimônio arqueológico.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

NECESSIDADES DAS COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS

O projeto arquitetônico é fator essencial na conservação de coleções arqueológicas, posto que a edificação interfere nas condições ambientais e a estrutura arquitetônica é o limitador entre o ambiente ao redor do prédio e o espaço interior.

Nesse sentido, a atenção está direcionada a três elementos que devem ser analisados no projeto arquitetônico: conhecer a situação climática do local onde o prédio está situado; considerar os recursos arquitetônicos relativos ao formato estrutural e a interferência dos materiais construtivos aplicados na edificação; e analisar a composição e a organização espacial para a salvaguarda de coleções arqueológicas.

As condições climáticas do entorno podem acentuar ou minimizar os elementos degenerativos do ambiente microclimático onde o acervo está acondicionado, por isso o estudo de conservação de coleções relacionado aos fatores ambientais não deve ser dissociado da pesquisa sobre a interferência arquitetônica na conservação de acervos culturais.

De acordo com a Carta Bioclimática de Santa Maria³³⁹, os dados de temperatura e umidade relativa do ar indicam desconforto em 71,5% das horas do ano: 51,2% por frio e 20,3% por calor. Segundo Güths e Carvalho (2007), a temperatura e a umidade adequadas a acervos culturais estão em torno de 22°C e 60%, respectivamente. Dessa forma, no caso de estudo apresentado, entende-se a necessidade de adequação sistemática durante o inverno.

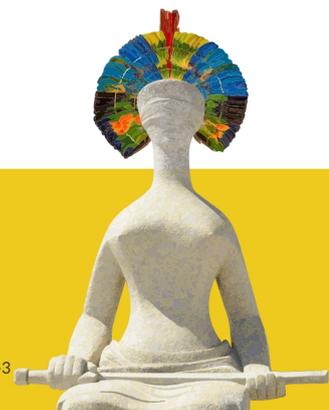
³³⁹ Criada e publicada como parte da dissertação de mestrado em 2014 pela pesquisadora Michelle Gomes Flores com o *software* AnalysisBio e tendo 2012 como ano climático de referência, a carta comprova a grande amplitude térmica na cidade de Santa Maria/RS. (FLORES, 2014)

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Para tanto, Flores (2014, p.103) indica como estratégia a inércia térmica³⁴⁰ utilizando a ventilação natural, do tipo cruzada,

no verão, com a sugestão de que as edificações tenham suas fachadas de aberturas maiores direcionadas a leste e sudeste. Para o inverno, sugere-se o aquecimento solar/inércia térmica, que pode ser feita através de técnicas como a orientação solar adequada, a cor dos fechamentos, o emprego de painéis refletores externos e parede trombe. Ainda, se destaca também o uso de isolamento térmico, com materiais com condutividade térmica mais baixa, como cortiça, isopor, lã de vidro e o concreto celular, os quais possuem a capacidade de reduzir a transferência de calor e, com a inércia térmica advinda do calor retido nas paredes da edificação, podem auxiliar na climatização do ambiente nos horários mais frios.

É importante recordar que, para realizar o isolamento térmico através das paredes, são necessárias construções mais espessas e mais pesadas não apenas nas paredes externas, mas também nas partições da edificação. O objetivo é evitar a saída de calor durante o inverno e a entrada durante o verão.

O segundo aspecto a ser analisado diz respeito aos materiais que compõem a estrutura do edifício. Nesse sentido, três fatores precisam ser considerados, de maneira mais específica: umidade, temperatura e luz.

King e Pearson (2001) ressaltam que a umidade contida nos materiais de construção de edifícios é maior que o valor da umidade do ar no ambiente. Esse fator pode se agravar em estruturas mais antigas devido às características das fundações e espessura das paredes. À vista

³⁴⁰ Conforme Papst (1999), a inércia térmica está relacionada com a capacidade térmica do material que compõe a envoltória. Esta, por sua vez, determina a razão entre o calor absorvido e o calor armazenado nos materiais da edificação.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



disso, as questões relativas à umidade devem ser consideradas, sobretudo, no projeto de impermeabilização. De acordo com Mello (2005, p. 4),

O custo de uma impermeabilização na construção civil é estimado em 1% a 3% do custo total de uma obra. No entanto, a não funcionalidade da mesma poderá gerar custos de reimpermeabilização da ordem de 5% a 10% do custo da obra envolvendo quebra de pisos cerâmicos, granitos, argamassas, etc., sem considerar custos de consequências patológicas mais importantes e outros transtornos ocasionados, depreciação de valor patrimonial, etc.

Ribeiro (2014) destaca que o bom resultado da impermeabilização está diretamente relacionado com pormenores que assegurem a estanqueidade dos pontos críticos e outros parâmetros importantes que garantam o equilíbrio da umidade arquitetônica. Entre as sugestões dadas, Mello (2005) indica como procedimentos básicos para impermeabilização a utilização de “camada de regularização, caimento mínimo de 1% e cantos e arestas arredondados, para evitar danos às mantas, preocupação com a isolamento térmica e mecânica”. Em vista disso, a proposta para a impermeabilização precisa levar em consideração os demais projetos que interferem diretamente nesse aspecto, entre eles o estrutural, o hidráulico, o elétrico, o de drenagem, o de acabamento e o de isolamento.

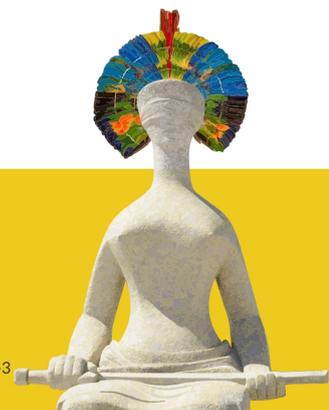
Quanto à temperatura, Papst (1999) explica que, quanto maior a variação da temperatura externa, radiação solar e/ou ganhos de calor, maior é a necessidade do uso arquitetônico de inércia térmica. Além dos materiais citados anteriormente, Mello (2005) salienta que podem ser usadas como isolante térmico fibras de madeira e espuma rígida de poliuretano, entre outros materiais, que podem ser aplicados em forma de placas cuja aderência ocorre com emulsão asfáltica. Além disso, preferencialmente a camada de isolamento térmico deve sobrepor a de impermeabilização, aumentando a durabilidade e o controle da

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



estanqueidade e localizando com mais facilidade alguma possível falha durante a aplicação do projeto.

Quanto aos efeitos causados pela luz, mais especificamente a radiação solar, que podem degenerar os materiais aplicados nas camadas de isolamento térmico e de impermeabilização, é recomendado por Mello (2005) o uso de pinturas refletivas, que são aplicadas sobre as mantas ou membranas, geralmente à base de alumínio. No entanto, alternativas podem ser consideradas como solução para esse elemento degenerativo.

Além das necessidades comuns a outros espaços museológicos, como ambientes administrativos, setores técnicos, sanitários, recepção, áreas de exposição e reserva técnica, um local para salvaguarda de coleções arqueológicas conjuga algumas especificidades relacionadas principalmente à forma de ingresso desse tipo de patrimônio na instituição: a coleta.

Como a maior parte dos artefatos incorporados advém de intervenções de projetos arqueológicos de salvamento, ou de prospecção, é essencial uma sala de recepção para o material coletado em campo ser recepcionado e organizado provisoriamente, e um depósito para as ferramentas e equipamentos utilizados pelos pesquisadores em campo. A existência desses dois espaços demanda uma sala de higienização com o propósito de limpar os instrumentos usados no campo antes de guardá-los, assim como para aplicação de técnicas de limpeza e conservação preventiva nas peças recolhidas.

Dois outros locais precisam ser bem planejados para instituições de salvaguarda do patrimônio arqueológico: a sala de processamento da documentação das coleções e a de pesquisa. Ambas precisam de espaços amplos com mesas compridas que permitam: a ordenação do que vem a ser, geralmente, um grande quantitativo de fragmentos e artefatos coletados nos sítios arqueológicos; a compreensão, contextualização e interpretação desses conjuntos; o processamento da documentação no âmbito museológico; e a utilização do patrimônio arqueológico como fontes de pesquisas de arqueólogos e outros investigadores.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Considerações finais

O espaço oferecido para transferência do LEPA-UFAM, a partir da realização de um projeto arquitetônico bastante popular para instituições museológicas conhecido como arquitetura convertida, é, segundo Ribeiro (2010), um dos três tipos³⁴¹ de propostas de arquitetura para abrigar acervos culturais. O edifício convertido, que pode ser tombado ou não, é construído com outra finalidade específica com o objetivo de atender outras demandas e, posteriormente, transformado ou adaptado para responder às necessidades próprias de espaços museológicos.

A partir do exposto, percebe-se a importância, principalmente em uma cidade como Santa Maria/RS, de realizar o correto isolamento térmico. Isso envolve tanto questões ambientais, como a aplicação de ventilação cruzada com aberturas no sentido leste e sudeste e isolamento térmico através da inércia térmica ou de outras soluções conceituais metodológicas, quanto o emprego de material adequado para a construção de paredes externas e internas e cobertura do edifício, considerando as espessuras mínimas necessárias para atender as demandas climáticas³⁴² da área de entorno.

Além disso, é imprescindível considerar as particularidades espaciais para a gestão do patrimônio arqueológico: de um lado, a documentação e a pesquisa; de outro, as áreas para o tratamento e conservação do material.

³⁴¹ O autor cita ainda outros dois tipos de edificações: a concebida, que é projetada e criada com o fim de abrigar acervos culturais, guardando as devidas precauções quanto aos materiais arquitetônicos e às técnicas aplicadas quando da instalação do edifício, considerando fatores climáticos no arredor da edificação para minimizar as interferências de aspectos degenerativos como umidade e temperatura, por exemplo, nas coleções; e a conjugação de convertida e concebida, com a ocupação, num mesmo terreno, de um prédio histórico normalmente utilizado para acolher as exposições, de longa ou curta duração, e uma estrutura anexa planejada e construída para instalação de reserva técnica, e para atender as necessidades dos setores técnicos e administrativos da instituição.

³⁴² Demandas apresentadas pela Carta Bioclimática da cidade de Santa Maria.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Obviamente, nenhum profissional que trabalha com patrimônio estaria satisfeito em ver que locais inapropriados e com falta de manutenção estão contribuindo para a completa deterioração de um material. No entanto, a solução para esse dilema não pode ser encontrada com a simples transferência para outro espaço mais vantajoso em aspectos como extensão; antes é necessário considerar a viabilidade do projeto, isto é, se os custos para realizar as adaptações pertinentes à conversão do local em espaço de salvaguarda do patrimônio compensam ou não a transferência. Para tanto, mais que uma proposição apenas no âmbito administrativo, o projeto arquitetônico para a salvaguarda de coleções arqueológicas deve se inserir numa discussão interdisciplinar, possibilitando uma maior interação, principalmente, entre os profissionais museólogos, arqueólogos e arquitetos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério Público Federal. 4a. Câmara de Coordenação e Revisão. Meio Ambiente e Patrimônio Cultural. *Parecer técnico No 273/2015-4aCCR*. Brasília: MPF, 2015. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr4/dados-da-atuacao/projetos/mpf-arq/notas-tecnicas/PT27315RTUFMRS1.pdf> e <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr4/dados-da-atuacao/projetos/mpf-arq/notas-tecnicas/PT27315RTUFMRS2.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

DIAS, Marjori Pacheco. *Diagnóstico dos métodos de curadoria e conservação arqueológica aplicadas no LEPA-UFSM (De 1995 a 2014)*. 2016. 110 f. Monografia (História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

FLORES, Michelle Gomes. *Geração da base climática de Santa Maria – RS – para análise de desempenho térmico e eficiência energética de edificações*. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

GÜTHS, Saulo; CARVALHO, Cláudia S. Rodrigues de. *Conservação Preventiva: Ambientes Próprios para Coleções*. *MAST Coloquia*, Rio de Janeiro, n. 9, 2007.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



KING, Steve; PEARSON, Colin. Controle ambiental para Instituições culturais: planejamento adequado e uso de tecnologias alternativas. In: MENDES, Marylka *et al.* (Orgs.). *Conservação: Conceitos e Práticas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p. 41-64.

MELLO, Luciano Soares Lucas de. *Impermeabilização: Materiais, procedimentos e desempenho*. 2005. 43 f. Monografia (Engenharia Civil com ênfase Ambiental) – Universidade Anhembí Morumbi, São Paulo, 2005.

PAPST, Ana Lígia. *Uso de Inércia térmica no clima subtropical*. Estudo de caso em Florianópolis – SC. 1999. 165 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

RIBEIRO, Marina Byrro. A Importância do Edifício para o Conforto e o Controle Ambientais nos Museus. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1., 2009, Porto. *Actas [...]* v. 1. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2010. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8035.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019. p. 402-413.

RODRIGUES, Júlio César Maciel. *Umidade ascendente em paredes internas: avaliação de desempenho de bloqueadores químicos*. 2014. 55 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRÁCIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

